

Esclarecimento Metodológico:

Este relatório considera os dados disponíveis até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Além disso, os valores monetários são continuamente deflacionados, o que implica em mudanças de alguns resultados – por meio deste processo é que se obtém o **PIB a valores reais**, atualizado para o período mais recente.

DESACELERAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA REFLETE EM BAIXA NAS CADEIAS DO AGRONEGÓCIO

Equipe Macroeconomia Cepea¹

1. CENÁRIO GERAL DO PERÍODO

O ano de 2015 não foi bom para economia brasileira, que fechou o ano com retração de 3,8% no PIB. Entre os setores econômicos, apenas a agropecuária cresceu, 1,8%, ao passo que a indústria recuou 6,2% e os serviços 2,7% (dados IBGE). A pressão inflacionária, desemprego crescente e as taxas de juros elevadas deterioraram o poder de compra dos consumidores e prejudicaram os investimentos: ainda segundo dados do IBGE, as despesas de consumo das famílias recuaram 4% no ano e a formação bruta de capital fixo retraiu expressivos 14,1%. Some-se a isso a intensa instabilidade política e a severa crise fiscal que se estendeu durante todo o ano.

Esse conjunto de fatores refletiu negativamente nas expectativas e no desempenho do agronegócio nacional, tendo pesado principalmente sobre os resultados da agroindústria e serviços. Ainda assim, impulsionado por atividades voltadas ao mercado externo e pelo crescimento da produção agrícola “dentro da porteira”, entre os meses de janeiro e dezembro de 2015 (em relação ao ano de 2014) o agronegócio acumulou alta de 0,54%.

O Índice de Confiança do Agronegócio, elaborado pela Fiesp e OCB, acumulou queda de 9 pontos ao longo do ano. Cabe destacar, que no quarto trimestre o índice voltou a crescer em relação ao trimestre anterior, subindo 1,9 ponto ante aos 82,4 pontos no terceiro trimestre deste ano. Lembrando que pela metodologia do estudo,

¹Equipe Responsável: Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D, Pesquisador Chefe/Coordenador Científico do Cepea/Professor titular Esalq/USP; Dra. Adriana Ferreira Silva, Dr. Arlei Luiz Fachinello, Ms. Nicole Rennó Castro e Ms. Leandro Gilio, Pesquisadores do Cepea.

uma pontuação abaixo de 100 pontos indica baixo grau de confiança e superior a 100 pontos demonstra que há otimismo.

Segundo as instituições, esta melhora na expectativa no quarto trimestre foi resultado de aspectos positivos para o agronegócio, como as perspectivas de bons preços em reais para produtos agrícolas, e negativos, como o quadro geral de incertezas na economia brasileira, em especial ligados aos aumentos no custo de produção.

Entre as cadeias analisadas individualmente pelo Cepea/Esalq-USP, com o apoio financeiro da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), a cadeia da soja registrou a alta mais expressiva no acumulado de 2015: taxa de 9,69% (Figura 1). Com isso, a renda anual desta cadeia saltou para R\$ 91,39 bilhões – em valores de 2015 (Tabela 2). A cadeia da cana também registrou expansão no ano, de 5,01%, elevando a renda estimada em 2015 para R\$ 113,26 bilhões.

Na cadeia da bovinocultura de corte, a variação no ano foi modesta, mas positiva: 2,48%, o que em valores monetários correspondeu a uma renda de R\$ 188,14 bilhões.

O desempenho das cadeias do algodão e do leite foi negativo em 2015, com a retração na cadeia do algodão chegando a 16,10%, o que, em termos monetários, reduziu a renda estimada para R\$ 13,40 bilhões no ano (Tabela 2). Na cadeia do leite, a retração foi de 12,34%, o que implicou em uma renda anual estimada em R\$ 52,24 bilhões.

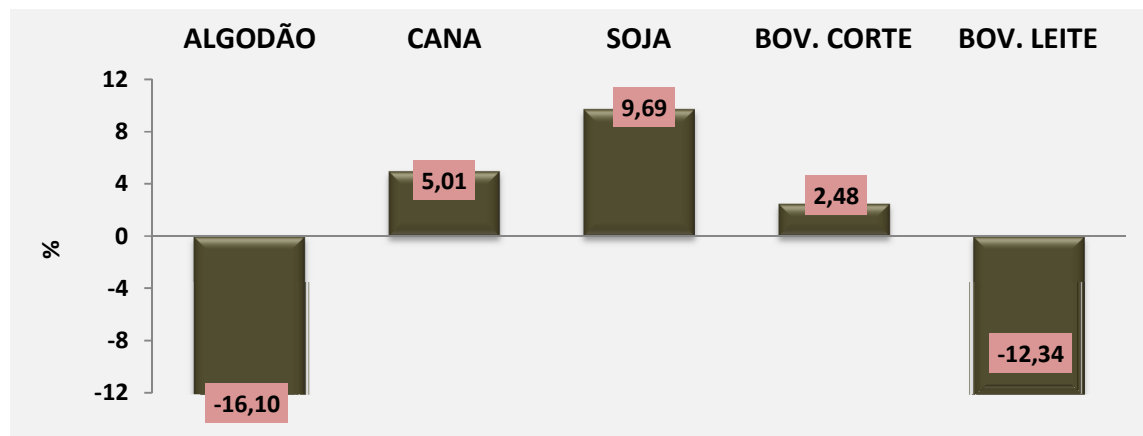


Figura 1 – Variação % na renda das cadeias selecionadas – jan a dez/2015

Fonte: Cepea-USP e CNA

2. EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS

2.1 Insumos:

A renda do segmento de insumos recuou para três cadeias: algodão, bovinocultura de corte e de leite (Figura 2). Os menores volumes de fertilizantes e defensivos adquiridos pelos produtores de algodão explicam o desempenho negativo do segmento de insumos voltado à cultura (Figura 6). Nas cadeias da pecuária, o desempenho negativo do segmento de insumos refletiu o menor volume dos medicamentos, do sal mineral e do óleo diesel, em comparação a 2014 (Figuras 9 e 10).

Nas cadeias da cana e da soja, o segmento de insumos registrou alta, com destaque para o crescimento da renda dos insumos para soja: 9,81% no ano. O aumento geral nos preços dos principais insumos usados na lavoura de soja explica tal expansão (Figura 8). A renda com os insumos destinados à cana cresceu 2,22%. Na cadeia da cana, os maiores preços de fertilizantes e óleo diesel justificam tal alta (Figura 7).

De forma geral, a escalada do dólar frente ao Real ao longo de 2015 pesou sobre os custos dos principais insumos utilizados nas cadeias agropecuárias: fertilizantes e defensivos tiveram seus preços em aceleração durante todo o ano. No caso dos fertilizantes, as maiores cotações no mercado interno refletiram diretamente sobre o volume importado: queda de 12,3% na comparação anual, assim como a entrega aos produtores, que reduziu 6,1%. Essa fraca demanda é resultado do encarecimento do insumo, da elevação dos juros e da redução de preços para algumas culturas.

A alta do dólar também pesou negativamente no faturamento da indústria de defensivos. Assim como nos fertilizantes, grande parte da matéria prima usada na formulação de defensivos agrícolas é importada. Além disso, o estoque acumulado do insumo pelos produtores rurais também pesou no ritmo de vendas ao longo de 2015. Segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), a previsão mais recente sobre o faturamento com as vendas de defensivos em 2015 (dados mais recentes publicados pelo Sindicato) aponta uma queda de 23% em relação à 2014. Para o Sindiveg, além da alta do dólar, esta retração refletiu o atraso na liberação do crédito rural, e também seu custo mais caro.

Os agentes ligados à produção de insumos para agropecuária mantiveram postura cautelosa ao longo de 2015. O cenário político e econômico adverso no mercado interno (crescimento do desemprego e alta dos juros) refletiu em menores investimentos na produção. O dólar valorizado frente ao Real elevou os custos de produção e, com isso, os estoques foram usados como manobra para evitar perdas.

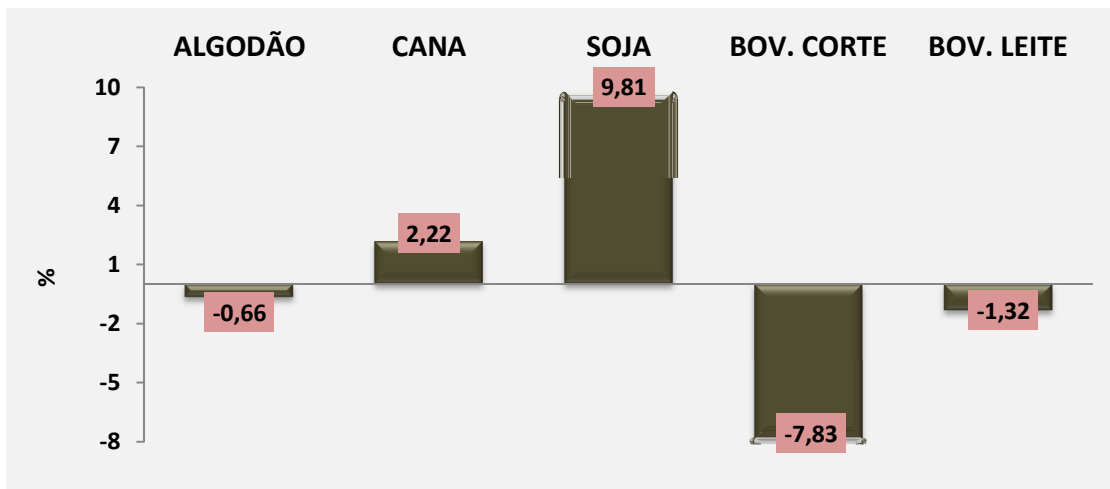


Figura 2 - Variação na renda do segmento de Insumos nas cadeias selecionadas – jan a dez/2015 (%)

Fonte: Cepea-USP e CNA

2.2 Atividades Primárias:

No segmento primário, a *cultura do algodão* registrou baixa de 16,49% na renda, no acumulado de 2015 (Figura 3). Tal desempenho é resultado do menor volume de produção no ano, tanto para pluma quanto caroço, já que os preços apresentaram ligeira alta – Ver Figura 6. Segundo informações da CONAB, o recuo da produção nesta safra foi reflexo principalmente da menor área plantada, resultado de estoques domésticos e externos elevados. Quanto às cotações, os preços do algodão em pluma estiveram predominantemente em alta, se recuperando logo no primeiro trimestre da forte queda de 2014. Segundo a equipe Algodão/Cepea, a diminuição da safra brasileira 2014/15, somada a maior paridade de exportação, deu suporte a sucessivos reajustes.

Com preços e volumes em baixa (Figura 6), a renda com a *produção de leite* também recuou, 17,26% no acumulado do ano, em relação a 2014. Ao longo do ano, as consecutivas retrações de preços, e custos em alta, inviabilizaram a produção de leite em diversas propriedades. Muitos produtores, em especial de pequena escala, optaram por abater as vacas, frente aos preços atrativos da arroba. No último trimestre do ano, o recuo dos preços se estendeu ainda mais, devido, principalmente, ao aumento da captação e à demanda enfraquecida pelos derivados lácteos.

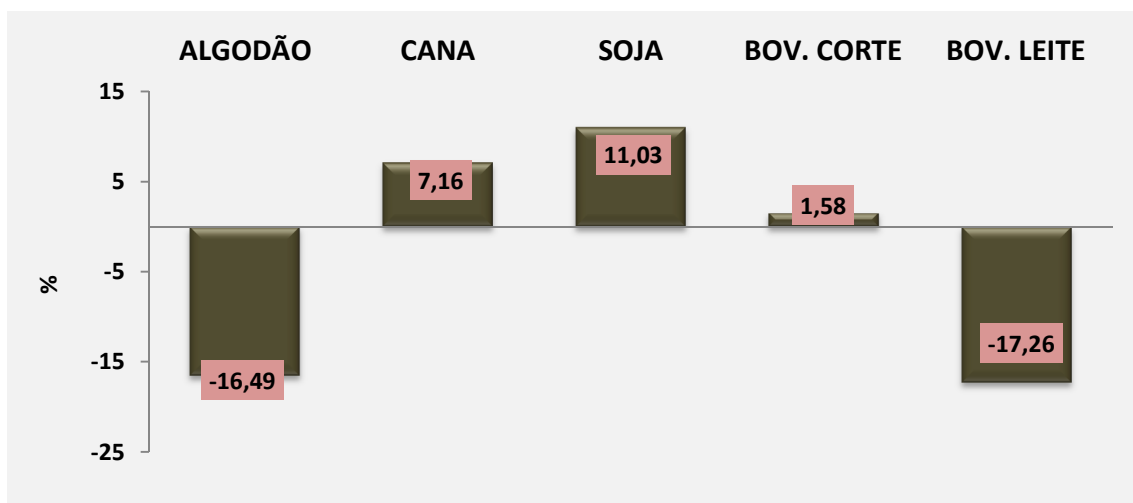


Figura 3 - Taxas de variação do segmento Primário nas cadeias selecionadas - jan a dez/2015 (%)

Fonte: Cepea-USP e CNA

Na cadeia da *bovinocultura de corte*, a baixa oferta de animais prontos para o abate, reflexo da queda no volume de bovinos vivos (7,07%), seguiu puxando a cotação dos animais: alta de 7,68% no acumulado do ano. Segundo pesquisadores da equipe Boi/Cepea, pelo terceiro ano seguido os preços em todos os elos da pecuária de corte estiveram em alta. Esta sustentação das cotações resultou principalmente da baixa oferta de animais para o abate, relacionada a questões climáticas. Além de as chuvas terem sido abaixo da média desde 2013 e até meados de 2015 em diversas regiões produtoras, o que prejudicou as pastagens, o desenvolvimento e a engorda dos animais, o abate de matrizes em anos anteriores reforçou a queda na disponibilidade interna presente. Dada a combinação de fatores, a renda com a produção de *bovinos prontos o abate* permaneceu sem grandes alterações no acumulado de 2015, crescendo 1,58% (Figura 3).

Na cultura da cana, preços e volume em alta favoreceram a expansão da renda em 2015: a taxa de 7,16% (Figura 3). A perspectiva de maior produtividade dos canaviais explica as estimativas positivas de produção. Segundo dados da Conab, a área plantada com cana cresceu apenas 0,6% entre 2014 e 2015. Paralelamente, a produtividade registra perspectiva de alta em 3,9%.

Dentre as cadeias acompanhadas, a renda com a *cultura da soja* registrou o crescimento mais expressivo em 2015, de 11,03% (Figura 3). Este resultado está ligado ao maior volume de produção do grão (11,74%), uma vez que em preços o cenário foi de ligeira baixa: 1,42%, já descontada a inflação (Figura 8). Cabe destacar, que este menor patamar de preços se relaciona aos melhores níveis praticados no ano passado, uma vez que ao longo de 2015 o cenário geral foi de aceleração. Já em volume, o cenário de alta deve-se ao aumento em área (6,36% a.a.) e produtividade

(5,5% a.a.). Segundo a equipe Grãos/Cepea, em 2015 foram registrados recordes de produção e exportação da soja brasileira. A oferta mundial também foi recorde e pressionou as cotações externas. A queda nos valores domésticos só não foi mais acentuada pois a elevação dos embarques e a desvalorização do Real levaram a uma relativa sustentação.

2.3 Atividades da Indústria:

As rendas das indústrias *de abate de bovinos e sucroalcooleira* foram as únicas a registrar expansão no acumulado de 2015: 10,18% e 4,90%, respectivamente (Figura 4). Na indústria de abate, tal resultado se deve aos maiores preços praticados no período: alta de 10,36%, pelos motivos já mencionados na seção anterior (Figura 9).

Na indústria *sucroalcooleira*, a expansão da renda no ano (4,90% - Figura 4) foi condicionada pelas maiores cotações do açúcar (5,76% a.a., já descontada a inflação), e pelo maior volume produzido do etanol hidratado (7,40%, Figura 7). Como observado para outras *commodities*, o principal fator que justifica a aceleração nas cotações do açúcar está ligado à desvalorização do real. Paralelamente, pesquisadores do Cepea também destacam a pressão de alta nos preços externos, reflexo do déficit global de açúcar na safra mundial 2015/16 (iniciada em outubro).

No caso do etanol hidratado, o aumento na produção refletiu a demanda aquecida pelo combustível, que ganhou competitividade em resposta ao estímulo de medidas oficiais que elevaram a competitividade do biocombustível frente à gasolina. Em contrapartida, pesquisadores do Cepea destacam que os preços dos etanóis seguiram sem grande variação em relação a 2014 (Figura 7), fazendo deste o quarto ano seguido de estabilidade. Com isso, muitas usinas não conseguiram compatibilizar preços estáveis com custos crescentes e, segundo dados da UNICA, até final da safra 2014/15, ao menos mais dez empresas do setor devem encerrar atividades.

Na indústria de *processamento do algodão*, o baixo volume processado de fibras e o menor patamar de preços pesaram fortemente no desempenho da atividade (Figura 6), refletindo em variação de -26,74% na renda do segmento (Figura 4). O menor volume de produção foi apontado pelos agentes das indústrias têxtil e de vestuário como resultado da concorrência com produtos importados e do cenário macroeconômico desfavorável, com o mercado interno desaquecido. Para as cotações, seguiu pesando os elevados valores praticados no mesmo período de 2014, já que, em 2015, a tendência foi de elevação.

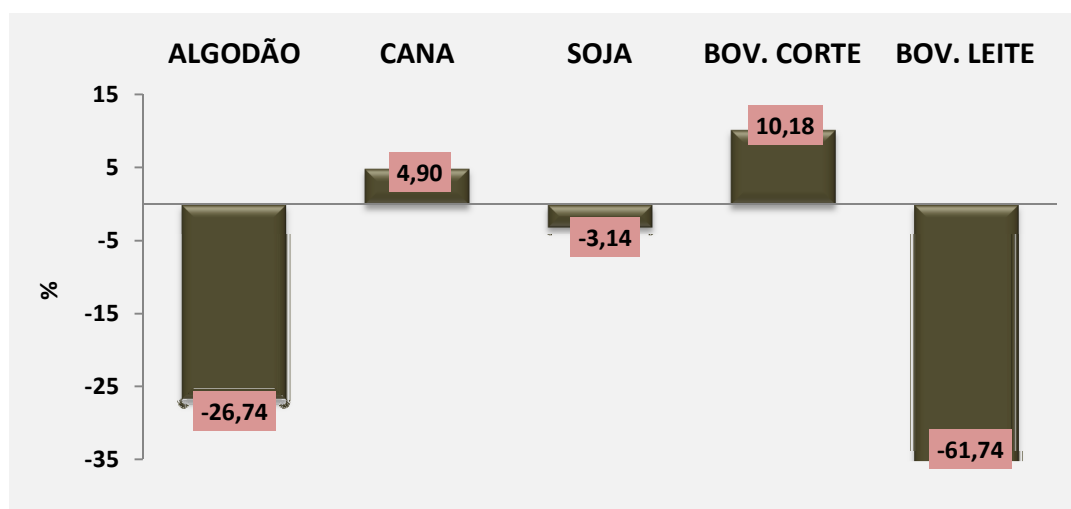


Figura 4 - Taxas de variação do segmento Industrial nas cadeias selecionadas - jan a dez/2015 (%)

Fonte: Cepea-USP e CNA

Na indústria de *derivados da soja*, o cenário também foi de retração: 3,14% (Figura 4), pressionado pela retração de preços do farelo, principal derivado da indústria de processamento de grãos de soja (Figura 8). De forma geral, a retração de preços do farelo relaciona-se ao alto nível praticado no ano passado, enquanto para volume, a variação positiva reflete os incrementos nas vendas ao mercado externo. O Brasil embarcou de farelo de soja, 14,83 milhões de toneladas em 2015, aumento de 8,1% em relação ao volume exportado em 2014 (13,72 milhões de toneladas) e o maior volume da história.

No balanço de 2015, a renda com a produção de *derivados do leite* também registrou forte queda: 61,74%. Esta queda se justifica pela expressiva retração nos volumes e preços de todos os derivados do leite, com destaque para queijos e manteiga (Figura 10). Segundo pesquisadores do Cepea, a produção declinante refletiu a menor demanda no mercado interno, e também o déficit nas exportações.

2.4 Serviços:

O segmento de serviços, que reflete o comportamento do comércio, transporte e outros serviços, cresceu apenas nas cadeias da cana e da soja (Figura 5). Na cadeia da cana, os maiores volumes produzidos de cana-de-açúcar e do etanol hidratado explicam o crescimento neste último segmento. Já na cadeia da soja, o crescimento na produção de grãos e dos derivados (óleo e farelo), explicam o desempenho dos serviços.

Nas demais cadeias, o cenário foi de baixa para o segmento de serviços. Na cadeia do algodão, o recuo na renda de todos os segmentos pesou sobre os serviços da

cadeia. Na cadeia da bovinocultura de leite, a menor captação de leite cru, e o processamento em baixa de todos os derivados justificam a queda no segmento de serviços em 2015. Já na cadeia da bovinocultura de corte, os menores volumes transacionados de animais prontos para o abate responderam pela queda do segmento de serviços.

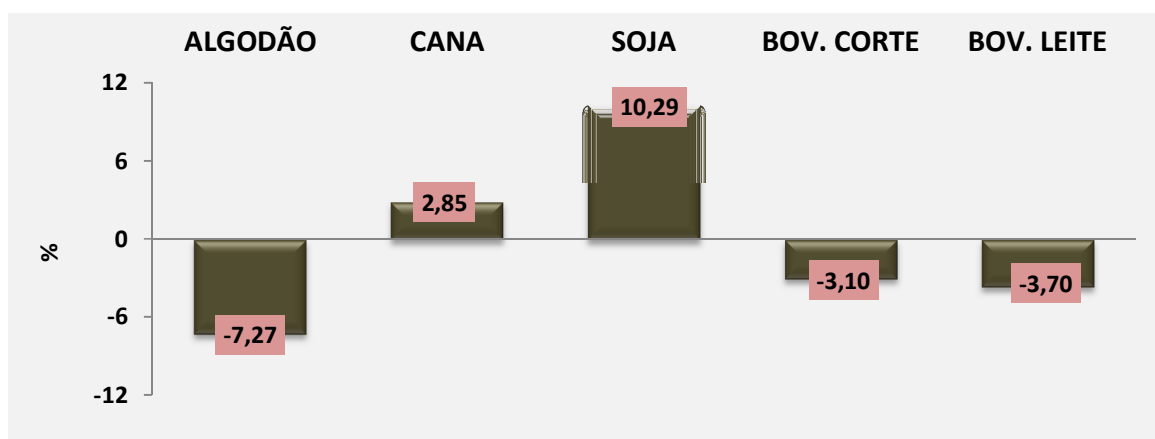


Figura 5 - Taxas de variação do segmento de Serviços nas cadeias selecionadas - jan a dez/2015 (%)

Fonte: Cepea-USP e CNA

3. Desempenho dos Preços e dos Volumes das Cadeias – 2015/2014 (%)

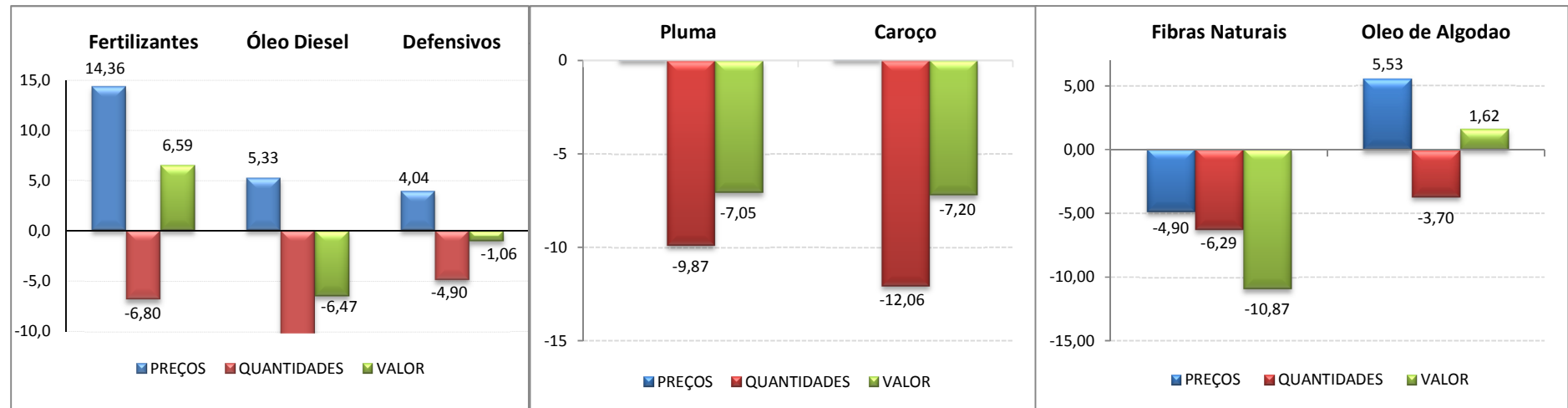


Figura 6 – Cadeia do Algodão

Fonte: Cepea-USP e CNA

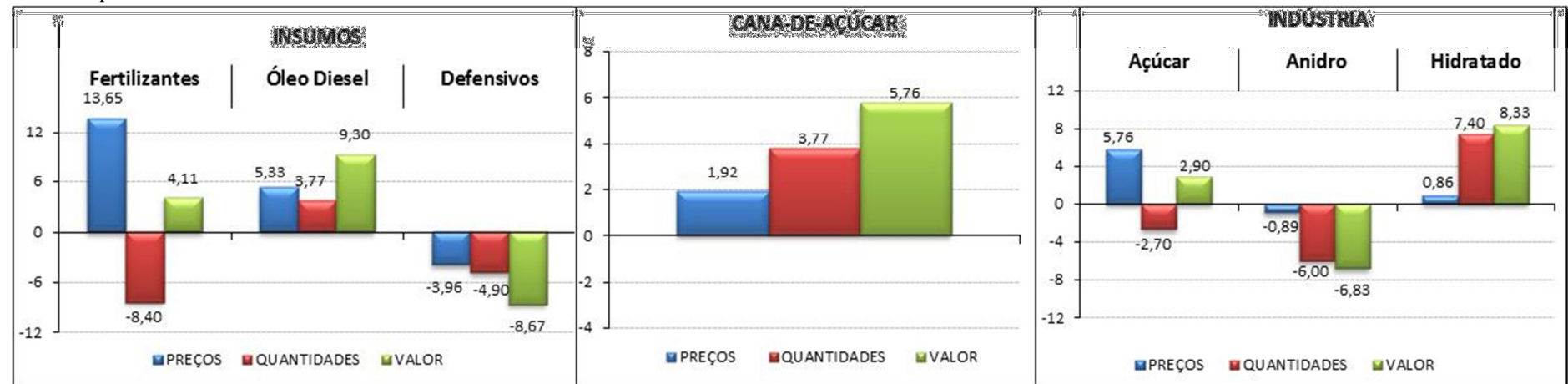


Figura 7 – Cadeia da Cana-de-açúcar

Fonte: Cepea-USP e CNA

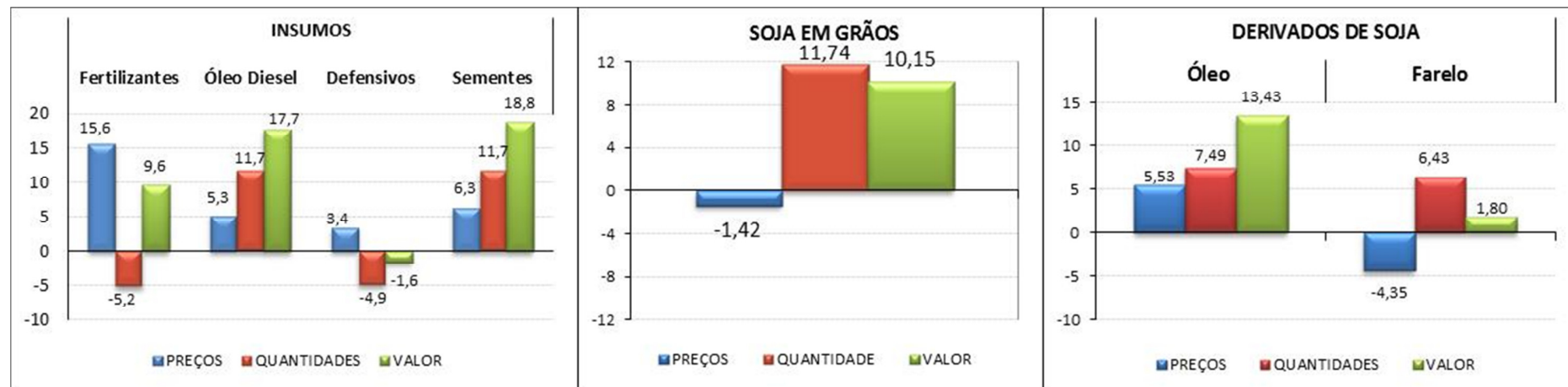


Figura 8 – Cadeia da Soja

Fonte: Cepea-USP e CNA

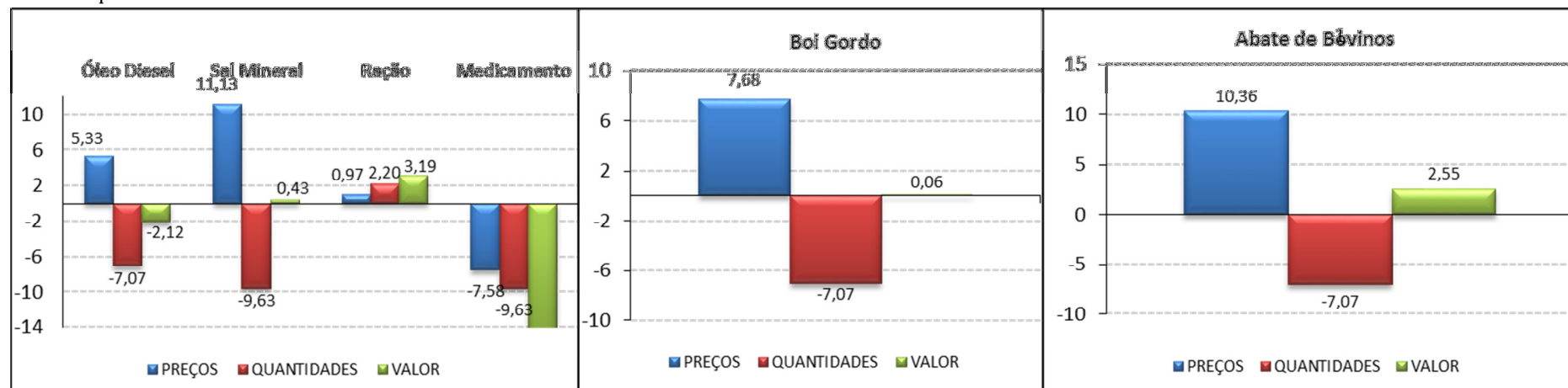


Figura 9 – Cadeia da bovinocultura de corte

Fonte: Cepea-USP e CNA

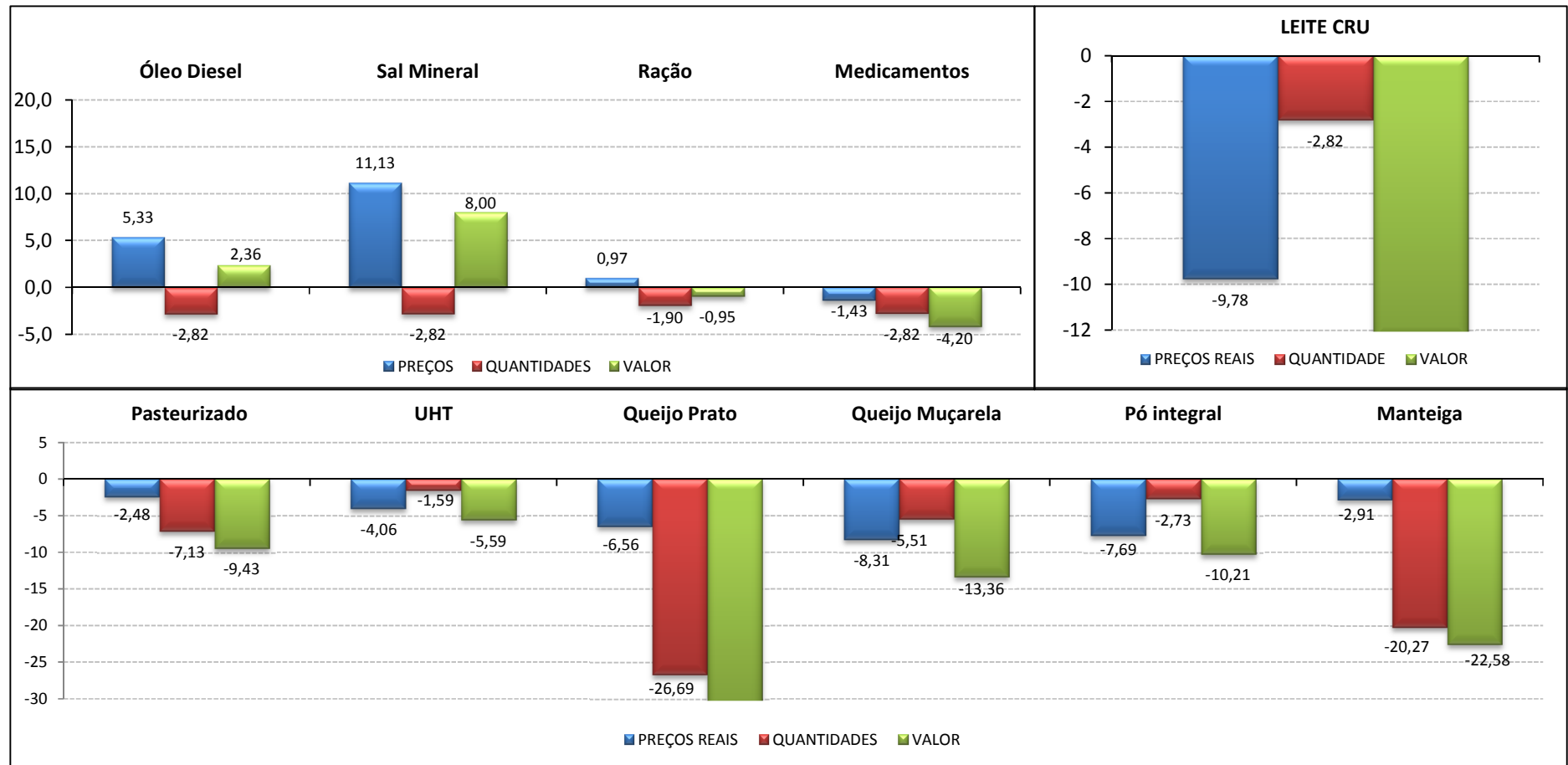


Figura 10 – Cadeia da bovinocultura de leite

Fonte: Cepea-USP e CNA

Tabela 2 - PIB do agronegócio das Cadeias Selecionadas – de 2001 a 2015 (R\$ milhões de 2015)

CADEIA DO ALGODÃO						CADEIA DA CANA-DE-AÇÚCAR						CADEIA DA SOJA					
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total		Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total		Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	379	2.876	25.372	6.277	34.903	1.026	15.758	38.764	10.574	66.121	2.659	20.926	6.215	14.101	43.902		
2002	344	2.902	27.028	6.558	36.831	1.105	12.801	38.227	12.647	64.781	3.199	31.196	12.514	16.623	63.532		
2003	497	3.734	30.101	7.252	41.584	1.187	13.260	43.129	14.905	72.481	4.691	36.019	12.620	19.180	72.511		
2004	699	5.292	33.211	7.506	46.708	1.298	10.489	30.594	15.441	57.821	5.600	26.789	10.596	19.032	62.017		
2005	546	2.822	30.070	7.755	41.193	1.285	11.919	38.120	15.904	67.227	4.383	17.145	1.049	20.357	42.934		
2006	518	2.322	25.410	7.441	35.691	1.359	21.814	59.518	18.642	101.334	3.704	18.123	-53	20.580	42.354		
2007	582	3.753	20.521	7.624	32.481	1.566	18.777	31.757	20.217	72.317	3.809	24.977	4.219	21.920	54.924		
2008	566	3.901	13.689	7.239	25.394	1.790	15.572	35.178	23.181	75.721	5.321	29.146	10.536	22.137	67.139		
2009	502	2.059	10.798	6.595	19.954	1.649	22.467	55.317	24.270	103.702	5.535	26.603	7.973	21.231	61.342		
2010	566	3.480	13.228	6.790	24.064	1.625	29.419	71.398	27.224	129.666	4.758	27.973	3.647	24.142	60.521		
2011	775	8.725	10.223	6.388	26.110	1.905	36.520	63.464	24.170	126.059	5.321	33.399	3.089	25.069	66.877		
2012	664	4.471	4.860	6.328	16.323	2.163	35.849	54.599	25.949	118.559	6.248	40.996	10.348	23.499	81.091		
2013	757	2.146	7.947	6.099	16.949	2.325	33.069	47.195	28.415	111.003	7.811	45.768	5.299	25.066	83.945		
2014	756	3.286	5.953	5.987	15.981	2.054	31.906	47.027	26.880	107.868	8.450	42.585	5.747	26.536	83.318		
2015	751	2.744	4.361	5.552	13.408	2.100	34.192	49.331	27.645	113.268	9.278	47.284	5.566	29.266	91.395		

CADEIA DA BOVINOCULTURA DE CORTE						CADEIA DA BOVINOCULTURA DE LEITE					
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total		Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	4.082	48.272	19.627	25.029	97.011	1.740	9.248	8.652	12.867	32.507	
2002	4.252	57.242	17.625	27.017	106.135	1.864	8.940	6.824	13.493	31.121	
2003	4.222	59.518	16.400	28.099	108.240	1.882	10.404	6.346	14.562	33.193	
2004	4.390	62.180	18.360	32.305	117.235	2.005	10.683	7.157	15.057	34.902	
2005	4.153	43.277	19.379	32.190	98.998	2.073	12.462	8.808	18.573	41.918	
2006	3.977	38.107	18.418	33.557	94.059	2.075	10.987	8.132	19.720	40.915	
2007	3.582	36.280	21.405	34.545	95.812	2.220	17.155	15.718	21.319	56.413	
2008	4.282	63.358	30.488	37.719	135.847	2.529	16.955	12.630	23.947	56.061	
2009	4.200	58.789	30.469	37.073	130.531	2.343	16.335	1.480	20.797	40.954	
2010	4.260	69.927	35.541	40.216	149.944	2.350	17.059	7.100	23.583	50.093	
2011	4.218	70.266	36.737	39.801	151.023	2.501	17.908	8.071	25.644	54.124	
2012	3.955	55.050	37.475	40.014	136.494	2.491	18.403	3.997	25.402	50.293	
2013	4.277	68.281	40.766	45.130	158.455	2.594	22.731	10.147	27.672	63.143	
2014	4.352	81.601	49.960	47.675	183.588	2.837	25.997	2.910	27.854	59.598	
2015	4.011	82.888	55.046	46.198	188.143	2.800	21.509	1.113	26.824	52.246	

Fonte: Cepea-USP e CNA

